Reminiscência e morte no *Fédon* de Platão

Flaviana Martins de Lima (PET – UFPR)
Orientador: Prof. Joel Alves de Souza

Esta pesquisa tenta dialogar com a questão da Reminiscência na obra platônica. Na impossibilidade de contar com uma teoria do conhecimento que pudesse determinar positivamente essa questão, venho trabalhando alguns diálogos onde a Reminiscência ganha um espaço maior. Escolhi expor aqui um trabalho sobre o *Fédon* por se tratar de um texto bastante freqüente e também por se tratar de minha leitura mais recente no âmbito desta pesquisa.

Embora esse discurso sobre a Reminiscência incida nos textos sob maneiras diversas, ele está constantemente remetido a um conhecimento adquirido de antemão pela alma dos homens antes de eles nascerem. Reside aí a constância da referência: são as almas que promovem o conhecimento, pois antes da unirem-se aos corpos, num momento anterior à sensibilidade, conviveram com as "idéias" das coisas no Hades. E são essas coisas, as coisas do mundo, que os homens vão conhecer quando receberem a alma no momento de seu nascimento.

Segundo o texto, as almas dos homens contemplam as "idéias" das coisas mas se esquecem dessa contemplação quando atreladas aos corpos, de forma que os homens vão se lembrando desse conhecimento através da alma ao longo da vida. E reminiscência é justamente isso: um trazer-de-novo-à-mente, uma lembrança que não é memória, que é tanto mais eficiente quanto mais reto for o nosso espírito, quanto mais próximos estivermos de uma disposição autêntica à *sophia*. E que melhor maneira de se estar tomado pela retidão ou de se colocar a caminho da *sophia* que não a filosofia?

No diálogo *Mênon* (exemplo do escravo), Sócrates afirma que com perguntas bem conduzidas todo homem é capaz de conhecer. Assim, o conhecimento é constitutivo da natureza do homem: através de uma retidão do pensamento, uma certa espécie de saber que mora na alma dos homens revê a si mesmo e nesse reconhecer identifica aquilo que havia contemplado antes de nascer. O conhecimento derivado daquilo que a alma guarda desde o instante de sua gênese no tempo, e portanto o saber que o homem encontra em si mesmo, é ele próprio um si possível do homem. Por isto a filosofia seria uma disposição segundo a qual é possível ao homem conduzir-se desde si para este conhecimento, para esta visão especial capaz de perceber de repente aquilo que permanecia oculto, invisível.

Já no diálogo *Fédon,* a filosofia aparece como uma preparação para a morte; mas é necessário pensar no que consiste realmente essa morte, considerando três aspectos:

1. a filosofia é um cuidado com as coisas da alma;
2. a morte é a separação entre alma e corpo;
3. é a alma que conhece. Como ela é imortal, conhece fora do tempo as coisas como elas são também fora do tempo, ou seja, a alma conhece o que as coisas são

sempre, o que guardam em si de permanente – o que no diálogo *Fédon* será chamado de igualdade em si.

Este trabalho, no intuito de alcançar a Reminiscência, tenta apresentar a filosofia como morte, o por que da necessidade de o filósofo desprezar os assuntos do corpo e de que forma esse desprezo não significa uma disposição ascética que nega o corpo em nome de uma afirmação *espiritual*... Tenta articular essa morte a que se refere Sócrates como um ideal de disponibilidade e dedicação, exigindo do filósofo que procure manter a *sophia* (ou a *philosophia)* como meta e caminho de si, tendo em vista uma abertura àquele não-esquecimento que o permite conhecer nas coisas; e nesse co-nascimento revelar o que para Sócrates constitui o ser mais próprio do homem, que é saber.

Um verdadeiro amante da sabedoria há
de estar firmemente convencido de que a não
ser lá [no Hades] em parte alguma poderá
encontrar a verdade em toda sua pureza
Platão, *Fédon*, 68b.

No diálogo *Fédon* de Platão, o personagem Fédon se incumbe da tarefa de narrar a Equécrates as conversas travadas no dia da morte de Sócrates. Desde o seu julgamento, amigos e admiradores de Sócrates juntavam-se a ele na prisão levando os dias em conversas filosóficas à espera da volta do navio enviado a Delo.

Como Teseu, Sócrates entregou-se à morte e, nesta entrega, salvou a si mesmo e a seus amigos, como podemos concluir de sua afirmação de que não há melhor caminho que uma alma sábia possa almejar que o caminho da morte. <cito 61 c> "Apresenta a Eveno saudações de minha parte, acrescentando que, se ele for sábio, deverá seguir-me o quanto antes". São três argumentos: (1) aquele que é sábio deve desejar a morte; (2) porque é melhor estar morto do que vivo; (3) mas não é permitido violentar a si mesmo.

A fala de Sócrates nos causa certo espanto: como o filósofo pode desejar a morte e ainda assim não incorrer em violência contra si mesmo? Ora, nenhum homem deve desejar mal a si mesmo pois são propriedades dos deuses. Como em <62 b> "aquilo dos mistérios, de que nós homens, nos encontramos numa espécie de cárcere que nos é vedado abrir para escapar, afigura-se-me de peso e nada fácil de entender. Uma coisa, pelo menos, Cebes, me parece bem enunciada: que os deuses são nossos guardiães, e nós, homens, propriedades deles."

Diante das interpelações de Cebes e Símias – de que parece insensato pressupor que o sábio deve preferir a morte e livrar-se da tutela divina, recusando a vida e a companhia do bem – Sócrates afirma que o sábio deve acolher a morte desde que a divindade assim o disponha, pela esperança de vir a participar do mais valioso dos bens. O primeiro benefício seria juntar-se aos homens bons e aproximar-se dos deuses. Desta maneira ao admitirmos <como em 64 a> "que embora os homens não percebam, é possível que todos que se dedicam verdadeiramente à filosofia a nada

mais aspiram do que a morrer e estarem mortos" ao admitirmos isso, precisamos considerar de que modo o filósofo deseja a morte e, principalmente, no que consiste propriamente esta morte.

Levando em conta o dito dos *aporétoi*, a morte é a separação entre corpo e alma, de modo que um e outro permaneçam isolados em si mesmos. Somos impelidos também a distinguir ainda entre as atividades que dizem respeito ao corpo das atividades que dizem respeito à alma. Além dessa distinção, Sócrates caracteriza a conduta de um verdadeiro filósofo como um estrito cuidado com as coisas da alma, desprezando uma dedicação excessiva às atividades que favorecem o corpo e que se colocam para o homem quase sempre como fonte de prazer, como comer, beber, exercitar-se e adornar o corpo. E se o filósofo se ocupa com as coisas da alma e se essa ocupação é morrer, as atividades que favorecem o corpo e que são comuns e fazem parte do cotidiano está legada infalivelmente a aproximar-se da vida. <65a> "essa é a razão de na opinião da maioria dos homens não merecer viver o indivíduo a quem nada disso [comer, beber, exercitar-se...] é agradável e que não se importa com tais práticas, por achar-se muito mais perto da condição de morto e por não dar a menor importância aos prazeres alcançados por intermédio do corpo"

A morte que Sócrates defende significa não somente distinguir corpo e alma, mas praticar com afinco a nutrição da alma. Mas qual o alimento da alma? O alimento da alma é o conhecimento, o conhecimento da verdade. Daí o corpo constituir-se como um obstáculo à atividade do filósofo. O apego desmedido à sensibilidade permitida pelo corpo, pelos sentidos constitui-se como um desvio ao reto caminho do entendimento já que a experiência proporcionada pelos sentidos não é precisa. Cito: <65c> "Ora, a alma pensa melhor quando não tem nada disso a perturbá-la, nem a vista, nem o ouvido, nem dor, nem prazer de espécie alguma, e, concentrada ao máximo em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando tanto quanto possível qualquer comércio com ele, e esforça-se por apreender a verdade. (...) é nesse estado que a alma do filósofo despreza o corpo e dele foge, trabalhando por concentrar-se em si própria..." É então quando a alma está liberta do julgo do conhecimento empírico, quando se alimenta do pensamento reto através do entendimento ou da opinião verdadeira, o momento em que se aproxima da verdade de si mesma. E aprender a verdade significa aqui vislumbrar nas coisas o que elas têm de verdade – dessa verdade que é revelada pelo esforço do pensamento que lembrou através da reminiscência o ser das coisas mesmas contemplado no Hades antes de a alma unir-se ao corpo e participar da temporalidade, da finitude.

Abre-se então para o homem que deseja o conhecimento das coisas o mais puro possível o caminho de si a si. Enquanto entregue ao engano que a sensibilidade promove, o homem deve buscar um tipo de virtude incomum – a *sophrosyne*: a temperança, um bom senso – que o permita afastar-se da influência que o corpo imprime na alma e no conhecimento que resulta da atividade do pensamento. Pois é capaz de reconhecer por si mesmo aquilo que for extreme de impurezas. É neste sentido que podemos pensar a alma como um si mesmo em movimento: a alma imortal, através dessa peculiar faculdade de conhecimento, impele o homem a procurar em si e por si (através de uma retidão de espírito, de uma crença verdadeira ou de um pensamento

lembrar-se do próprio Símias? (...) em todos esses casos a reminiscência tanto provém dos semelhantes como dos dessemelhantes... Afirmamos que há alguma coisa a que damos o nome de igual; não imagino a hipótese de um pedaço de pau ser igual a outro, refiro-me ao que se acha acima de tudo isso; a igualdade em si. E onde fomos buscar esse conhecimento? Não foi naquilo a que nos referimos há pouco, à vista de um pau ou de uma pedra e de outras coisas iguais, que nos surgiu a idéia de igualdade, que difere das coisas?(...) <75 c> Logo, se o adquirimos antes do nascimento e nascemos com ele é porque conhecemos antes do nascimento. Pois tanto é válido nosso argumento para a igualdade como para o belo e o bem em si mesmos, a justiça, a piedade e tudo o mais a que pusemos a marca de *o próprio que é*.

]<<< pensar o conhecer como justamente essa percepção do que nasce é interessante: aquilo que aparece é aquilo que nasce, aqui, o que nasce do seu contrário. Compreender algo é vislumbrar seu nascimento. Mas essa compreensão só é possível porque a natureza da alma permite a lembrança daquilo que neste algo compreendido não muda nunca, daquilo que, como a alma, não está sujeito ao nascimento. Há então entre a alma que conhece e aquilo que é conhecido uma igualdade escondida neste movimento entre o poder ver (a natureza da alma do homem) e o poder ser visto das coisas que se tornaram visíveis, ou seja, que nasceram.